

A LITERATURA E O SAGRADO: UMA REFLEXÃO EM TORNO DA OBRA NIKETCHE, UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA, DE PAULINA CHIZIANE

Gilson Ventura¹

Penso. Não tenho mais chances, não consigo mais segurar o meu marido com comidas, carinhos, fantasias. Ele é uma borboleta manhosa. Incapturável. O meu caso precisa de magia. Só ela pode salvar o meu casamento. (CHIZIANE, 2004, p.63).

Resumo

O principal objetivo deste trabalho é propor reflexões em torno dos aspectos do sagrado, algo que aparece de forma marcante na obra *Niketze: uma história de poligamia* da escritora moçambicana Paulina Chiziane. Ao se pensar sobre as Literaturas e suas definições, parece impossível fazê-lo sem que se perpassasse não só a discussão da variabilidade de conceitos a que a palavra remete. Muitos teóricos da literatura dentre os quais destacamos Antonio Candido costumam-se ater aos importantes papéis dos quais a literatura se encarrega, tanto na construção de pensamentos quanto na interpretação da sociedade. Candido, ao estudá-la o faz como uma forma de representação social. Em sua obra *Literatura e sociedade* (2000), o autor enumera as modalidades mais comuns de estudos de tipos sociológicos em literatura, apresentando pelo menos, seis tipos, dentre os quais interessa-nos, para este estudo, o segundo, ao expressar que um segundo tipo de estudo sociológico poderia ser formado pelos estudos que procuram verificar na medida em que as obras espelham ou representam a sociedade, descrevendo os seus vários aspectos. E a obra *Niketze: uma história de poligamia* se pauta exatamente nisto: espelhar a sociedade moçambicana com toda sua tradição, costumes e conceitos.

Palavras-chave: Literatura africana; Sagrado; Paulina Chiziane; Sociedade.

Abstract

The main objective of this work is to propose reflections around aspects of the sacred, something that appears in a remarkable way in the work *Niketze: uma historia de poligamia* by the Mozambican writer Paulina Chiziane. When thinking about Literatures and their definitions, it seems impossible to do so without permeating not only the discussion of the variability of concepts to which the word refers. Many literary theorists, among whom we highlight Antonio Candido, tend to focus on the important roles that literature plays, both in the construction of thoughts and in the interpretation of society. Candido, when studying it, does it as a form of social representation. In his work *Literature and society* (2000), the author lists the most common modalities of studies

¹ Doutorando em Letras, área de concentração Literaturas de Língua Portuguesa, com ênfase em estudos de Literatura africana de língua portuguesa, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/Minas - BH), Bolsista Capes. E-mail: paragilsonventura@hotmail.com

of sociological types in literature, presenting at least six types, among which we are interested, for this study, in the second one, by expressing that one The second type of sociological study could be formed by studies that seek to verify the extent to which the works mirror or represent society, describing its various aspects. And the work *Niketché: a história de poligamia* is based on exactly this: to mirror Mozambican society with all its tradition, customs and concepts.

Keywords: African Literature; Sacred; Paulina Chiziane; Society.

A obra

Niketché: uma história de poligamia conta a história do moçambicano Antônio Tomás, funcionário do alto escalão da polícia moçambicana e sua esposa Rosa Maria, referidos na obra como Tony e Rami, casados há vinte anos. Percebemos, já nos momentos iniciais da narrativa, que Tony é um marido muito ausente, o que se torna explícito pelas palavras da personagem narradora Rami quando exclama, em agônica indagação: “Onde anda meu Tony que não vejo desde sexta-feira? Onde anda esse homem que me deixa os filhos e a casa e não dá um sinal de vida?” (CHIZIANE, 2004, p. 11). Certo dia, Rami descobre que o marido é um homem polígamo: tem outras quatro mulheres e vários filhos com cada uma. Após algumas reflexões sobre si e a situação vivida, Rami decide ir à busca de conhecer cada uma das outras mulheres de Tony. Sua decisão faz com que tenha a oportunidade de conhecer mais de perto o território do norte moçambicano e as diversidades entre uma região e outra. Uma primeira observação feita por ela relaciona-se à diferença de costumes femininos entre esses espaços. Nessa busca por respostas a personagem vai, pouco a pouco, se aproximando das formas da tradição expressas através do feitiço e da adivinhação, práticas que fazem parte da cultura do povo que habita essa região. A aproximação com essas formas de expressão da tradição, como como a presença da feitiçaria, a adivinhação, etc é observada no instante em que Rami afirma que Julieta “enfeitiçou o meu homem para tirá-lo de mim. Mas eu não vou deixá-lo nos braços dela não.” (CHIZIANE, 2004, p. 21).

Pensando na obra como instrumento de representação social, podemos afirmar que a narrativa encena costumes e crenças recorrentes não só em Moçambique, como em várias partes do território africano. Dentre elas, a tradição do feitiço e da magia citados por Rami, é retratada em vários momentos na obra. A esse respeito, o antropólogo Luiz Henrique Passador, quando estuda a tradição moçambicana e sua relação com o universo do vírus HIV no distrito de Homoine, sul de Moçambique, aborda inúmeros questionamentos relacionados ao curandeirismo e à sua aceitação, ou não, frente aos problemas encontrados no país.

Em trabalho realizado², o antropólogo Luiz Henrique Passador, relatando o curioso caso da morte de José, um morador daquele distrito, observa que o assunto do vírus HIV é propositalmente evitado pela família. Os familiares diziam se tratar de uma “doença tradicional”, que é detalhadamente estudada em seu trabalho. Nesse contexto, o pesquisador descobre e investiga algo curiosíssimo: o fato de a causa das mazelas, tanto sociais quanto físicas, serem atribuídas sempre a um parente ou alguém próximo à família. Daí a importância de se entender o significado do termo *viente* no contexto africano. Para Passador,

O termo *viente*, do verbo *vir*, se refere àquele que vem de outro lugar. Opera como marcador de alteridade em relação à origem e/ou procedência de um sujeito, “dentro”, e não necessariamente

2 Em 2011 Luiz Henrique Passador desenvolve sua tese realizando ainda uma pesquisa de campo, denominada *Guerrear, casar, pacificar, curar: o universo da tradição e a experiência com o HIV/Aids no distrito de Homoine, Sul de Moçambique*, onde se aprofunda em várias questões da tradição que tratamos nesse artigo.

se refere a pessoas de muito longe ou de outra nacionalidade. (PASSADOR, 2011, p. 90, grifos do autor).

A raiz etimológica do termo *viente* é o verbo *vir*, e se refere àquele que vem de outro lugar. Esses dois termos são utilizados em *Homoíne* de forma indistinta, quando se quer referir a pessoas que venham de fora de um determinado universo tomado como o “dentro”, e não necessariamente se refere a pessoas de muito longe ou de outra nacionalidade (PASSADOR, 2011). Conforme assinalado por Passador, as mulheres são *vientes* em potencial.

Paulo Granjo, em seu trabalho *Limpeza, ritual e reintegração pós-guerra em Moçambique* (2007), reflete sobre a questão ritualística da possessão em terrenos africanos, atrelada ao fenômeno da relação entre os vivos e os antepassados mortos e como esses antepassados influenciam a vida dos entes vivos. Nesse contexto, os vivos, muitas vezes, sequer entendem as formas pelas quais são influenciados. Considerando que o mote de nossa pesquisa é o sagrado na escrita literária de Chiziane, passamos então a expor, nas linhas que se seguem, específicos momentos em que o sagrado aparece na obra da autora moçambicana. Antes porém, evocamos o escritor, filósofo, semiólogo, linguista e bibliófilo italiano Umberto Eco, ao escrever sobre o texto literário em sua obra *Entrando no bosque* (1993). O autor, em consonância com os estudos de Wolfgang Iser (1974), em torno de análises literárias, compara o texto a um bosque, no qual está à escolha do leitor qual caminho, qual rumo seguir. Eco discursa dizendo que “hay bosques como Dublin, donde en lugar de Caperucita Roja podemos encontrarnos con Molly Bloom, ou como Casablanca, donde nos encontramos Ilsa Lundo o Rick Blaine”. (ECO, 1992, p. 14).³ E há bosques como *Niketché*, de

Paulina Chiziane.

Nesse bosque (*Niketché*) podemos seguir por várias trilhas. Há quem siga pela trilha da poligamia, discutida a contento pela autora, que cremos ser inclusive a trilha principal da obra. Há a trilha do protagonismo feminino, da escrita feminina. Enfim, variadas são as trilhas que se podem encontrar em um bosque. Escolhemos passar pela trilha do sagrado, já que poucos são os trabalhos encontrados nos quais o pesquisador a percorresse. Já explicitamos também como a literatura pode ser considerada um instrumento de representação social e, a partir dessa consideração, tem-se ainda que as obras de Chiziane encenam o modo como a realidade moçambicana lida com o sagrado, realidade essa que, em muitos aspectos, pode ser encontrada em várias partes da África e também do mundo. É bom que esclareçamos ainda que as variadas formas como o sagrado se manifesta na narrativa de Chiziane, as quais deram origem ao título desse trabalho, não poderiam deixar de gerar, em nossa percepção, outras variadas “trilhas” possíveis de serem percorridas, que recheiam a obra da escritora do que é inefável, invisível e indecifrável.

Niketché: o Sagrado e o Transcendente

Tanto Mircea Eliade (1992) quanto outros teóricos pesquisados aproximam a ideia do sagrado ao que transcende o mundo natural à esfera do sobrenatural. Nessa aproximação, Eliade afirma que “não se pode viver sem uma ‘abertura’ para o transcendente; em outras palavras, não se pode viver no ‘Caos’. Uma vez perdido o contato com o transcendente, a existência no mundo já não é possível. (ELIADE, 1992, p. 14, grifos do autor).

Evans Pritchard, professor de Antropologia Social na Universidade de Oxford, ao estudar os rituais sagrados em sua obra *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande* (2005), aborda esse tema deixando claro que o sobrenatural refere-se a fenômenos que transcendem o nível pelo qual estamos acostumados a caminhar. Ao

3 Existem florestas como Dublin, onde em vez de Chapeuzinho Vermelho podemos encontrar Molly Bloom, ou como Casablanca, onde encontramos Ilsa Lundo ou Rick Blaine. (ECO, 1992, p. 14)

refletir em torno do que possa ser considerado sobrenatural, o autor observa que

Nós possuímos a noção de um mundo ordenado de acordo com o que chamamos leis naturais; e que portanto essas coisas transcendem supostamente tais leis; e chamamos esses eventos de sobrenaturais. Para nós, sobrenatural significa quase o mesmo que anormal ou extraordinário. (PRITCHARD, 2005, p. 60)

O primeiro momento em que aparece, na obra *Niketche*, a manifestação do que é transcendente, logo, ligado ao sagrado, é o diálogo entre Rami e seu espelho. Quando começa a pensar nos “namoricos de Tony”, a personagem experimenta uma enorme sensação de perda, uma agrura toma conta de si ao saber que “ele passa a vida a fazer companhia às mulheres mais lindas da cidade de Maputo, que lhe chovem aos pés como diamante” (CHIZIANE, 2004, p.15). Inconscientemente, pensa em sua aparência física. Vai ao espelho e, pela primeira vez na obra, aparece o que é transcendente, o que foge ao natural e humano: o diálogo entre Rami e seu espelho:

Meu Deus, o meu espelho foi invadido por uma intrusa, que se ri da minha desgraça. Será que essa intrusa está dentro de mim? Esfrego os olhos, acho que enlouqueci. Penso em fugir daquela imagem para o conforto dos lençóis. Dou dois passos em retaguarda. A imagem me imita. Dou outros dois em frente e ficamos a olhar-nos. Aquela imagem é uma fonte de luz e eu sou um fosso de tristeza. Sou gorda, pesada, e ela magra e bem cuidada. Mas os olhos dela têm a cor dos meus. A cor da pele é semelhante à minha. De quem será esta imagem que me hipnotiza e me encanta? (CHIZIANE, 2004, p. 15).

Embora Rami questione sua lucidez, o faz por simples retórica e tem consciência de que não se encontra em nenhum estado de loucura. Sua pergunta é um impulso: “a minha cabeça também entra na dança, sinto vertigens. Estarei eu a enlouquecer?” (CHIZIANE, 2004,

p. 16). O conto de Valiéri Briússov, em: *n’Os melhores contos de loucura* (2007), nos apresenta uma personagem que em suas divagações esquizofrênicas, pensa em trocar de lugar com seu reflexo no espelho, o que vai acarretar sua inevitável internação em uma clínica psiquiátrica. Diferentemente da personagem de Briússov, que não tem consciência de seus atos e acaba por ser confinada a uma clínica, Rami tem plena consciência de seus atos e de toda a trama que se inicia, o que demonstra que seu questionamento deve ser visto, antes de mais nada, como uma reflexão.

São muitos os escritos que trazem como mote algo que transcende ao que é natural e humano a partir da simbologia do espelho. Além da “louca” de Briússov, acresce-nos lembrar do mito de Narciso na Mitologia Grega, que fascinado com sua imagem, acaba por perder a própria vida; A Branca de neve, dos irmãos Grimm, que transtorna a vida da malvada rainha, às voltas com seu espelho e sua obsessão pela juventude e beleza eternas; O Retrato de Doryan Grey, de Oscar Wilde, que apesar de não contar propriamente com um espelho, relaciona-se com seu retrato, o qual espelha a imagem do personagem; e ainda Machado de Assis que, no conto *O espelho* (2005), relata o drama do Alferes que, atormentado pela gradativa perda do reconhecimento alheio, encontra neste uma possível busca de si quando “tem então a ideia de vestir a sua farda, e fazendo-o sua imagem no espelho volta à sua integridade perfeita. Assim ele pôde enfrentar a solidão no sítio, contemplando-se de farda no espelho de tempos em tempos por mais seis dias”. (WILLRICH, 2012).

Além do tom de conflito de identidade que encontramos nessas obras, o estudo da simbologia do espelho, feito por Bernardo Augusto Willrich (2012), demonstra que tal objeto tem ainda seu aspecto de mistério e obscurantismo. O médico psicanalista Luciano Marcondes Godoy (2010) que desenvolveu um curioso estudo em torno da figura do espelho nos contos literários e na vida social, relata que a namorada

de um paciente não entrava em elevadores que tivessem espelhos, e que o próprio paciente não ficava de frente ao espelho na academia em que frequentava. Em seu trabalho o médico analisa várias obras nas quais o espelho tem uma função tanto de conflito identitário como de elemento que remete ao sombrio e ao misterioso:

No documentário “O estranho mundo do esquizofrênico”, as cenas mais horripilantes davam-se diante de um espelho. O paciente, ao mirar-se no espelho, via-se fragmentado em partes, como que esquarterado. Em momento tão ou mais apavorante, o paciente ao olhar para o espelho, nada vê. Na história do vampiro, que tem horror ao espelho, o objeto é usado como arma contra ele mesmo. É que o vampiro não é refletido no espelho. (GODOY, 2010, p. 103, grifos do autor).

Percebemos uma aura de mistérios sempre que, nas narrativas, há referência ao espelho, mostrando que este sempre foi objeto sobre o qual cabe uma análise mais minuciosa. Aqui, dispensa-se uma atenção especial a ele, dada sua atuação no romance de Chiziane. Observa-se que, no decorrer da narrativa, em todos os momentos em que a protagonista se sente só ou em conflito com sua aparência ou sua identidade, o espelho aparece, passando de objeto amedrontador, a espaço de refugio e escape:

Corro para o espelho e desabafo. - Sonhei tanto com este momento, tudo se desmoronou, que faço agora espelho meu? - Onde está o espírito de luta, amiga minha? Se falhou hoje, podes tentar outra vez!- Obrigada espelho meu. Perder a batalha não é perder a guerra. Amanhã será outro dia. (CHIZIANE, 2004, p. 48)

A ausência de Tony nos momentos de maior necessidade, a fazia muitas vezes, se sentir só, como se lutasse sozinha. Essa primeira relação de Rami com o espelho confirma o que diz Godoy quando afirma que “estar diante de um espelho é ter realçada a vivência de solidão, de ausência de um interlocutor. (GODOY, 2010,

p. 112). Quando se está em conflito interno, tal como o experimentado por Rami, diz-se que está em conflito com seu eu, ou sua *alma*. Nossas pesquisas apontam que tal termo, *alma*, está no campo da religiosidade, portanto do sagrado, uma vez que a alma é tema de muitas reflexões feitas pela religião. E quanto à relação da alma com o espectro que se vê no espelho, que tanto confundiu os personagens dos contos citados acima e Rami, Carl Gustav Jung faz as reflexões que se seguem:

Nos sonhos, um espelho pode simbolizar o poder que tem o inconsciente de “refletir” objetivamente o indivíduo – dando-lhe uma visão dele mesmo que talvez nunca tenha tido antes. Só através do inconsciente tal percepção (que por vezes choca e perturba a mente consciente) pode ser obtida – tal como no mito grego onde a repulsiva Medusa, cujo olhar transformava os homens em pedra, só podia ser contemplada em um espelho. (JUNG, 1964, p. 205, grifo do autor).

Tal como nos sonhos citados por Jung, sempre que Rami se deparava com questões da alma, de seu interior, machucado pelos conflitos com o marido e com a vida, por questões delicadas que exigiam uma necessidade maior de reflexão, era diante do espelho que se buscava suprir tal necessidade. Ali tinha seus maiores diálogos, consigo mesma e com a vida e seus respectivos dilemas:

Esta imagem não sou eu, mas aquilo que fui e queria voltar a ser. Esta imagem sou eu, sim, numa outra dimensão. Tento beijar-lhe o rosto. Não a alcanço. Beijo-lhe então a boca, e o beijo sai a gelo e vidro. Ah, meu espelho confidente. Ah meu espelho estranho. Espelho revelador. Vivemos juntos desde que me casei. Porque só hoje me revelas o teu poder? (CHIZIANE, 2004 p. 17).

Estando o espelho presente na literatura como uma importante forma de representação da alma, do transcendente e do inefável, sua constância na obra Niketche ilustra o fato de

que ele se torna, para Rami, sua “companhia no quarto frio” (CHIZIANE, 2004 p. 65) nos momentos de conflitos, nos instantes em que a alma da personagem lamentava a própria sorte. Por isso, vê-se sua figura permear toda a obra, passando a ser a representação da própria alma da protagonista, que luta para não permitir que os conflitos surgidos com o marido desestruturarem-na. E é diante do espelho que Rami começa a ter as primeiras percepções da melhor coisa a fazer a cada momento. Como um conselheiro, cada momento que Rami se encontra só e vai diante do espelho ele lhe fala, sua consciência é despertada e a personagem vai tendo as primeiras inspirações em relação ao que deveria ou não fazer.

A primeira mulher com a qual Tony havia se envolvido e que Rami descobre é Julieta. A primeira reação que elas têm quando se encontram é uma briga que acaba por evoluir do simples ataque verbal para uma aguda agressão física. As mulheres se envolvem num entrevero inconsequente, em uma luta corporal por um curto período. Ao chegar em casa, Rami ouve novamente o espelho, que se comporta como um sábio conselheiro:

A imagem do espelho surge outra vez e ri-se.
-Espelho, espelho meu, veja o que fizeram de mim! -Fizeram-te o que mereceste, amiga minha.
-Achas que fiz mal? -Agrediste a vítima e deixaste o vilão. Não resolveste nada. -Ah! (CHIZIANE, 2004, p. 27).

Esse despertar simplesmente confirma o que foi dito das reflexões de Jung quanto aos espelhos nos sonhos, quando o estudioso afirmava que “um espelho pode simbolizar o poder que tem o inconsciente de ‘refletir’ objetivamente”. (JUNG, 1964, p. 205, grifos do autor). Ora como um conselheiro, ora como um crítico, o espelho continua a fazer parte das reflexões de Rami por toda a obra, estimulando a sua percepção sobre os eventos em que a personagem se envolve:

Vou ao espelho e desabafo.

— Diz-me, espelho meu: serei eu feia? Serei eu mais azeda que a laranja-lima? Por que é que o meu marido procura outras e me deixa aqui? O que é que as outras têm que eu não tenho?

O espelho dá uma resposta muda e sorri.

— Vamos, responde-me, espelho meu. O meu espelho responde com malícia:

— Ah, sua gorda!

— Não! Não achas que emagreci um pouco?

— Emagreceste, sim.

— Graças a Deus não precisei de chás nem dietas.

— Vês como o teu marido é bom? Deu-te um desgosto benéfico, que emagrece. Tomara que esse desgosto te consuma mais um mês. Ficarás mais elegante que as estrelas de cinema. Tomara que todas as mulheres gordas tivessem maridos que lhes dessem desgostos.

(CHIZIANE, 2004, p. 32).

Consciente do sagrado e suas manifestações que podemos observar em várias literaturas, não poderíamos nos deixar levar pela ingenuidade de pensarmos que a presença de um

espelho que se comunica com a personagem em seus momentos de angústias e conflitos esteja na obra de Paulina Chiziane de maneira casuística. A autora desvela sua intenção e perspicácia em trazer o sagrado, sua importância e relevância na literatura.

Quanto ao que Jung traz sobre o espelho quando diz que “nos sonhos, um espelho pode simbolizar o poder que tem o inconsciente de “refletir” objetivamente o indivíduo – dando-lhe uma visão dele mesmo que talvez nunca tenha tido antes” (JUNG, 1964, p.205), enfatizamos que, a partir do momento em que Rami se levanta em busca de esclarecimentos em torno de si e sua relação com Tony, a personagem passa a ter esta visão sobre si mesma “que talvez nunca tenha tido antes”. Esta nova percepção permite a si mesma as demais mulheres um protagonismo, um sentido de vida, uma razão de viver outrora encoberta por uma vivência de subalternidade pela qual se submetiam a Tony sem se imaginarem fora deste contexto.

Os maridos/esposas espirituais – uma sagrada relação de conflito

De maneira leve e sutil, Paulina Chiziane toca em um ponto, embora sem se ater fixamente a ele, que é de grande relevância na cultura e tradição moçambicana. Tanto Jonas Alberto Mahumane quanto Alcinda Howana, ambos citados por Luiz Henrique Passador, dedicam um espaço maior em seus trabalhos a esse tema, trazendo mais esclarecimentos. Trata-se dos conhecidos “maridos espirituais”, muito comuns em terras moçambicanas. Verifica-se, na obra em análise, que há uma cena que se repete por várias noites: trata-se dos constantes sonhos de Tony:

Meu Tony por onde andas tu quando o sono chega? Pelo além ou por outra dimensão: viajas sozinho e em silêncio. Porque não me levas contigo? Um suspiro do Tony me tira das divagações. Fico mais atenta. Ele suspira como quem ama. Depois guincha e grita, está a invocar o nome de alguém.

Fico mais atenta. Ele está a sonhar com outra mulher. Está a suspirar por outra mulher. Olho para o relógio. É meia noite e tal. Desperta desvairado e fala como se estivesse a responder ao chamado de outro mundo. Veste-se à pressa como um sonâmbulo. (CHIZIANE, 2004, p. 30)

Mais adiante Rami descobriria as causas dos sonhos um tanto alucinatórios do marido, que por várias vezes, desperta durante os sonhos e sai de casa, ainda quase dormindo no meio da noite. É em suas reflexões em torno das atitudes do marido que Rami toca no assunto aqui pretendido, lembrando que:

As minhas vizinhas falam-me de mudjiwas. Essas são esposas e esposos de outro mundo, que, nas vidas anteriores ou na outra encarnação foram nossos conjuges e reclamam os seus direitos nessa vida”. (CHIZIANE, 2004 p. 30).

A obra de Jonas Alberto Mahumane, que se aprofunda no tema, é *Marido espiritual: possessão e violência simbólica no sul de Moçambique* (2016). Suas pesquisas destacam como esses “maridos espirituais” entram em contato com as mulheres mudando sua relação com o mundo. Rami teme que Tony estivesse passando por processo semelhante, ou seja, em contato com esposas espirituais. Ela, que já havia entrado em rodas de conversas nas quais esses assuntos eram comentados indistintamente e, muitas vezes, emitira opiniões baseadas em muitos achismos a respeito do assunto, agora suspeita da presença de um ser invisível na sua casa, em sua cama. Tal possibilidade incomodava a mulher, sabedora da dificuldade de lidar com tais situações.

Sabemos que não há nenhuma novidade em tais temas quando se trata de Moçambique, o que levou pesquisadores como Luiz Henrique Passador e o próprio Mahumane a trazerem à baila profícuas discussões sobre o assunto. Em suas pesquisas, esse último evidencia que é comum, em Moçambique, jovens raparigas rece-

berem, durante o sonho, a visita de um ente espiritual alegando se tratar de um espírito ao qual alguém da família deve algum favor, normalmente o pai ou um tio. A jovem, então, costuma ser requerida como esposa por pagamento da dívida. Estes são os chamados “maridos espirituais”:

O fenômeno do marido espiritual mostra as ambiguidades que as ações dos espíritos têm no Sul de Moçambique. [...] A descoberta de um espírito possessor adquirido por um familiar que pretendia servir-se dos seus poderes, pressupõe o pagamento do mesmo através de jovens raparigas sendo, por isso, socialmente censurado. No entanto reconhece-se ao mesmo tempo, a capacidade que os espíritos têm para controlar e moldar a identidade das pessoas. Há uma interdependência entre as pessoas e os espíritos que se relaciona com as capacidades individuais de ação. (MAHUMANE, 2016, p. 121)

O trabalho de Luiz Henrique Passador⁴ traz a discussão do tema na esteira de Alcinda Honwana, que esclarece, ainda, como são chamadas tanto as referidas jovens oferecidas aos espíritos quanto os mesmos. As jovens são em geral chamadas de nsati Ws Svilwembu, e os espíritos conhecidos como os mipfhukwa.

Sabe-se que o problema de Tony não era o de maridos espirituais e sim de mulheres carnais, e Rami acaba por descobri-las. Os sonhos de Tony e suas repentinas saídas no meio da noite faziam com que Rami pensasse nesses fenômenos tão comuns no Sul de Moçambique, já que “rituais para socializar ou exorcizar um marido espiritual são uma realidade factual no imaginário de muitos habitantes, quer nas áreas rurais quer nas urbanas”. (MANHUMANE, 2016, p. 194).

Sabendo que nos sonhos Tony não está

a pensar em nenhum “marido espiritual”, mas está fascinado por uma “mulher física”, a decisão escolhida pela personagem foi ir à procura dessa mulher. Como em um brado de liberdade, Rami desembanha sua espada e afirma: “vou empunhar todas as armas e defrontar o inimigo, para defender o meu amor”. (CHIZIANE, 2004, p. 19).

E é a partir de uma dessas mulheres de Tony – que não é a primeira descoberta – que Rami tem a resposta para esses sonhos e as repentinas saídas do marido, o qual, no meio da madrugada, abandona seu leito como um fantoche embriagado. Como é depois constatado por Rami, Saly é a mulher que, através de práticas ritualísticas, faz com que Tony tenha essas repentinas reações pelas madrugadas, tirando o sono e o sossego de Rami.

A magia e a feitiçaria: outras manifestações do Sagrado

É nessa busca de uma espécie de acerto de contas com as outras mulheres que se dá o encontro da protagonista com os rituais que são considerados como práticas religiosas, manifestações e irrupções do sagrado aqui referidos. Quando nos propusemos a refletir sobre tais fatos na obra de Paulina Chiziane, foi exatamente por perceber que as referências a tais rituais são frequentes, fazendo com que a obra se enriqueça e exprima, com realismo, o instigante imaginário moçambicano. E é com as melhores das intenções, a seu ver é claro, que Saly se dedica aos rituais que vão esclarecer a Rami os sumiços de Tony no meio da madrugada. Saly, a maconde, a apetecida, é a quarta, “a boa de cozinha, o petisco das horas de lazer” de Tony. (CHIZIANE, 2004, p. 58).

Foi grande a surpresa de Rami ao apresentar a confissão da própria Saly sobre os artificios ritualísticos que praticava na intenção de trazer Tony para perto de si. Embora com características bem próximas à feitiçaria, a prática ritualística exercida por Saly se reveste de uma

4 PASSADOR, Luiz Henrique. Guerrear, casar, pacificar, curar: o universo da tradição e a experiência com o HIV/AIDS no distrito de Homoíne, sul de Moçambique. Tese. (Universidade Estadual de Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2011).

certa inocência. Suas artimanhas estão muito mais próxima de simpatias e crendices locais do que da feitiçaria, conforme é comumente compreendida. Outro fato curioso e relevante é nos depararmos com o fato de que, em Moçambique, já existem os chamados julgamentos de feitiçaria, estudados pelo antropólogo Paulo Granjo:

O primeiro aspecto a ter em conta, quando atentamos no papel social da feitiçaria em Moçambique, é que ela não constitui uma crença isolada, mas um elemento integrante de um sistema mais vasto de interpretação e de ação sobre os infortúnios e outros acontecimentos incertos. (GRANJO, 2011 p. 166).

Em seu trabalho o autor relaciona a feitiçaria muito mais a infortúnios do que propriamente a ações ritualísticas praticadas apenas em função de uma tradição. Já os atos de simpatias são estudados com um olhar mais próximo à tradição. Quanto à estas, citamos os estudos da pesquisadora Vanda Cunha Albieri Nery, para quem:

a palavra (simpatia) vem do grego e significa “sentir juntos o mesmo.” Embora a simpatia não se explique, o funcionamento dela supõe alguma relação íntima entre homens, animais, plantas e planetas. Há simpatias de amor, de boa sorte, para ganhar no jogo. Há algumas que a pessoa envolvida não pode saber. Outras, a própria pessoa faz: para crescer o cabelo, para não secar ou para secar o leite materno. Muitas vezes aparecem em conjunto com remédios e rezas. E há simpatias de prevenção, por exemplo, para fechar o corpo. (NERY, 2004, p. 09, grifos da autora)

Quando se observam as palavras de Saly, percebe-se que suas ações têm um tom de inocência, que estão muito mais perto dos atos de simpatia estudados por Nery do que dos atos de feitiçaria sobre os quais Paulo Granjo discorre ao tratar dos tribunais de feitiçaria em Moçambique. E Rami fica deveras surpresa com as explicações da rival relacionadas aos sumiços de

Tony nas progressas madrugadas:

Eu à meia-noite acendo um charuto e encho a casa de fumo. Depois pego na vassoura e varro a casa. Varro invocando o nome do Tony. Entro no mundo dos seus sonhos. Onde quer que ele esteja, responde-me e suspira. Grita em voz alta o meu nome. E sai disparado como o vento ao meu encontro. Vocês podem confirmar se mintou. Quantas vezes já despertou do pesadelo nas vossas camas gritando, Saly, Saly quantas vezes? (CHIZIANE, 2004, p. 177).

Rami começa a se atentar mais aproximadamente aos fatos que ligavam as atitudes de Tony às palavras de Saly, pois tais atitudes confirmavam exatamente o que a moça acabara de dizer. Afinal “vezes sem conta Tony despertou e desapareceu de casa em corrida desafiando os perigos e todas as trevas, como se respondesse ao chamamento do diabo”. (CHIZIANE, 2004, p.178). O diabo, porém, era a “maconde boa de cozinha”. (CHIZIANE, 2004, p.139).

Conclusão

Queremos direcionar nossa conclusão citando novamente o escritor e filósofo Umberto Eco, quando, em sua obra *Como se faz uma tese* (2008), orientando sobre a escolha de um tema pelo aluno, o autor afirma que quando um estudante escolhe um tema de cunho próximo ao subjetivo, ele “se propõe a discutir um problema de cunho abstrato”, o que Gramsci chamava de “breves acenos ao universo”. Nesta obra, Eco faz uma observação de que “o candidato presume poder resolver no âmbito de umas poucas páginas o problema de Deus e a definição de liberdade”. (ECO, 2008, p. 11). Ou seja, o autor alerta o estudante/pesquisador sobre os problemas que poderá vir a ter, chegando a dizer que “é difícil mover-se no vácuo e instituir um discurso ab initio”. (ECO, 2008, p. 12). Trabalhar com o sagrado pareceu-nos estar tateando em algo que não se podia tatear, algo maravilhoso demais para nós, coisas que traduzo com

a fala de Hamlet a Horácio quando afirma que “o céu e a terra encerram mais mistérios, que os conhecidos pelos filósofos”. (SHAKESPEARE, 2015, p. 50). Contudo, a obra de Paulina Chiziane aqui analisada, pela amplitude das discussões que abre, nos proporcionou a dar passos em busca de algumas possíveis respostas para nossa tentativa de compreender a relação entre a literatura e o sagrado. Claro que nossas pesquisas não param por aqui. Relacionar esses dois termos é apenas o início de um grande estudos que necessitará de outras pesquisas que os aproximarão e os relacionarão de maneira cada vez mais consistentes.

Em nossas justificativas já explicitamos que um dos motivos que mais nos influenciou a pesquisar e dissertar sobre o sagrado na escrita literária de Paulina Chiziane foi o fato de sabermos que a humanidade se origina a partir desse espaço. (HARARI, 2014, p. 10). Observamos, que todo pesquisador de temas que envolvem o continente africano, confirma que trabalhar tanto com literatura como com outras áreas de pesquisa, como história ou antropologia, nos deixa cada vez mais curiosos e ávidos por nos aprofundarmos em estudos que dizem respeito ao sagrado nesse espaço.

Ou seja, esta curiosidade e interesse humano em descobrir sua origem e possível futuro permite que não só a antropologia ou a história se desenvolvam em termos de pesquisas e construções de saberes, mas recebem uma importante aliada nessa importante busca que é cada vez mais crescente na sociedade, a literatura.

Referências

- ASSIS, Machado. O espelho. In: ASSIS, Machado. Papeis Avulsos. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BRASIL. Branca de Neve [recurso eletrônico]. Ministério da Educação – MEC; coordenado por Secretaria de Alfabetização – Sealf. – Brasília, DF: MEC; Sealf, 2020. Disponível em: http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/conta-para-mim/livros/versao_digital/branca_de_neve_versao_digital.pdf. Acesso em: 13 maio 2021.
- BRIÚSSOV, Valiéri. Dentro de um espelho. In: COSTA, Flávio Moreira da (org.). Os melhores contos de loucura. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
- CHIZIANE, Paulina. Niketche: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das letras, 2004.
- ECO, Umberto. Como se faz uma tese. 14. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996
- ECO, Umberto. Seis paseos por los bosques narrativos. Editorial Lúmen, Harvard University: Norton Lectures, 1992/1993.
- ELIADE, Mircea, O sagrado e o profano. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1992.
- GRANJO, Paulo. Limpeza ritual e reintegração pós-guerra em Moçambique. *Análise Social*, vol. XLII (182), 2007, 123-144.
- GODOY, Luciano Marcondes. Espelhos, reflexos, reflexões. In: *Jornal de psicanálise – São Paulo*. v. 43 (79): 101-115, 2010.
- JUNG, Carl Gustav. O homem e seus símbolos. 5 ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1964.
- MAHUMANE, Jonas Alberto. “Marido Espiritual” Possessão e Violência Simbólica no Sul de Moçambique. Tese elaborada para obtenção do grau de Doutor em Antropologia, especialidade em Antropologia da Religião e do Simbólico. Universidade de Lisboa – Instituto de Ciências Sociais; Lisboa, 2015.
- NERY, Vanda Cunha Albieri. Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé. Trabalho apresentado ao NNP Folk comunicação do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2004. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/120415399193864084132347838529>

[996558992.pdf](#). Acesso em: 20 ago 2020.

PASSADOR, Luiz Henrique, Guerrear, casar, pacificar, curar: o universo da tradição e a experiência com o HIV/Aids no distrito de Homoine, Sul de Moçambique. (Tese) Ano de obtenção: 2011.

PRITCHARD, E. E Evans. Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

WILDE, Oscar. O retrato de Dorian Gray. In: Coleção Novis: Biblioteca Visão-7: Abril Control jornal- Março 2000. Disponível em: <https://www.jaimemoniz.com/images/docs/recursos/Oscar-Wilde-livro.pdf>. Acesso em: 22 ago 2020.

WILLRICH. Bernardo Augusto. Reflexos de uma escrita: representações do espelho na literatura. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2012. 52 p. (Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura - Instituto de letras) Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Submissão: junho e 2022

Aceite: março de 2023

